



VOZ, DA FÁTIMA



Levanta-te! És testemunha do que viste!

EDITORIAL

Época de fogos, tempo de agir

Pe. Carlos Cabecinhas

Todos os anos experimentamos o sobressalto dos incêndios florestais. A assustadora regularidade deste flagelo está bem expressa na nossa linguagem coloquial: falamos da “época de fogos florestais” como se de uma inevitabilidade se tratasse. Ora, esta é uma questão que nos diz respeito a todos e, por isso, vos proponho que reflitamos sobre a nossa responsabilidade pela casa comum.

Este ano, as condições climáticas conjugadas com outros fatores, nomeadamente o estado de áreas florestais, trouxe-nos à memória a recente tragédia de 2017, que teve em Pedrogão Grande a sua expressão mais dramática e terrível. De um momento para o outro, os incêndios florestais relegaram para segundo plano a pandemia e a guerra na Ucrânia. Voltamos a reviver a aflição das populações ameaçadas, a destruição das florestas dos campos agrícolas e de casas. E voltámos a ouvir os apelos a penas mais severas para incendiários, como se a responsabilidade por este flagelo fosse apenas de uns tantos criminosos sem consciência. A maioria dos incêndios não começa propositadamente, mas por negligência. Os dados recolhidos sobre a origem dos incêndios mostram que a esmagadora maioria tem origem em ação humana: ou por incúria e irresponsabilidade – queimadas não controladas, uso indevido de máquinas em área florestal, ignições aparentemente inofensivas, etc. – ou por crime de fogo posto propositadamente. Mais do que apontar culpados – cabe às autoridades competentes tratar disso –, importa que cada um de nós tem consciência da sua responsabilidade.

Com a Encíclica “Laudato Si’”, de 2015, o Papa Francisco veio chamar a atenção para a responsabilidade de todos no cuidado pela casa comum. “Um cuidado que aprendemos com Deus, na medida em que assumimos que somos instrumentos dele, que todos podemos colaborar, como instrumentos de Deus, no cuidado da criação, cada um a partir da sua cultura, experiência, iniciativas e capacidades” (n. 14). Nenhum de nós se pode considerar excluído desta responsabilidade, pois todos podemos fazer alguma coisa e não apenas os proprietários de terrenos florestais ou agrícolas. Muitos de nós podemos fazer algo concreto, como apoiar os que combatem os incêndios e seguir os procedimentos recomendados de proteção das áreas florestais. Mas todos podemos fazer algo pela casa comum que é o planeta em que habitamos, de modo a combatermos as alterações climáticas, que provocam situações extremas como estas vagas de calor associadas a longos períodos de seca. Todos podemos ser instrumentos de Deus no cuidado da criação.

Não posso terminar sem uma palavra também sobre os bombeiros, os “soldados da paz”, muitos deles voluntários, e todos os que combatem os incêndios, dos membros da estrutura da proteção civil aos pilotos de aviões e helicópteros de combate a incêndios. Estas pessoas arriscam as suas vidas em prol de todos e são incansáveis no esforço pela salvaguarda da casa comum. É importante que sintam a nossa solidariedade e apoio concreto em todos os momentos, mas sobretudo nestes momentos dramáticos.

Voluntariado jovem regressa à Cova da Iria durante o mês de agosto

Durante o mês de agosto, o voluntariado jovem está de volta ao Santuário de Fátima, com a 5ª edição do Projeto SETE, que oferece aos jovens a oportunidade de colaborarem no serviço aos peregrinos e participarem em momentos de oração, na Cova da Iria. A Voz da Fátima foi conhecer os jovens que abraçaram este desafio pela primeira vez e os que regressaram após uma primeira experiência de imersão no voluntariado de Fátima.

Diogo Carvalho Alves

Quando Mariana Pinto terminou a primeira participação no Projeto SETE tinha já a certeza de duas coisas: que queria regressar e que tinha feito três amigos, os santos Francisco e Jacinta Marto e Lúcia de Jesus.

“O que me faz voltar é, sem dúvida, a vontade de querer descobrir mais sobre o acontecimento de Fátima. Apesar de já ter estado em várias edições, há sempre um novo detalhe para descobrir, seja naquilo que aconteceu seja em mim própria”, assegura, ao contar como a vida da vidente mais velha a ajudou na vida pessoal.

“Lembro-me muitas vezes de perceber a capacidade que a irmã Lúcia tinha de deixar que a vida dela fosse aquilo que Deus queria... Acho que foi a primeira vez que senti a verdadeira liberdade em relação à minha vida.”

Quando se inscreveu pela primeira vez, Catarina só tinha vindo à Cova da Iria por duas ocasiões, mas “a ideia de fazer voluntariado e, ao mesmo tempo, conseguir discernir sobre a importância que tinha a Mãe do Céu” na sua vocação de serviço foi-lhe “muito apelativa”.

“É como se mergulhasse numa atmosfera muito própria, como se conseguisse estar no colo de Nossa Senhora sem que nenhum dos pensamentos mundanos me distraia”, descreve esta voluntária, que regressa este ano com as expectativas altas e a vontade renovada para aprofundar a espiritualidade mariana e servir os peregrinos.

A oportunidade de “crescer na fé” foi o que levou Miguel Pargana e André Neves a inscreverem-se nesta proposta do Santuário que,



Um dos grupos de voluntários jovens que participaram no Projeto SETE em 2021.

além do acolhimento aos peregrinos, inclui também momentos de formação, de celebração e de oração.

Miguel, de 18 anos, foi desafiado por um amigo a “embarcar neste desafio” e inscreveu-se “com a ambição de servir, estar atento e disponível para o outro. Já André, de 22 anos, além do serviço, vem com expectativa de participar numa dinâmica que o preencha a nível espiritual.

“Desta atividade espero um aprofundamento da vivência da caridade cristã; um aprofundamento da mensagem de Fátima, que sempre procurei conhecer, e conhecer jovens com os quais possa partilhar a minha experiência eclesial e de fé. No final, espero que possamos influenciar outros jovens, demonstrando que vale a pena viver uma vida de constante doação, pois só

assim ela possui pleno sentido”, diz este estudante de Direito, que acompanha regularmente as atividades de Fátima, concretamente o canto litúrgico, que também dinamiza paroquialmente e que vê no Santuário “um ponto de referência e aprendizagem”.

O apoio às celebrações é uma das participações a que estes jovens são chamados neste projeto, que também prevê a preparação e limpeza dos próprios espaços celebrativos.

A semana de voluntariado inicia com o compromisso do voluntário e termina com uma pequena celebração de envio, comemorando esta experiência a ser continuada no projeto de vida de cada um.

O projeto SETE acontece desde 2018 e já acolheu mais de uma centena de jovens, com diversas vocações e proveniências.

Bispo de Fall River preside à Peregrinação Internacional Aniversária de Agosto

Emigrantes regressam a Fátima, depois de dois anos de algumas intermitências por causa da pandemia e das restrições à circulação.

Carmo Rodeia

Depois de ter estado previsto presidir em 2020 em Fátima, D. Edgar da Cunha, bispo de Fall River, no estado norte americano de Massachussets, irá presidir à Peregrinação Internacional Aniversária de agosto em Fátima, também conhecida como a "Peregrinação dos Emigrantes".

Para os dias 12 e 13 estão inscritos 10 grupos da Alemanha(2); Austria(1), Espanha (2) Irlanda (1), Israel (1), Itália (1) e Polónia (2). Durante o mês de Agosto estão inscritos 120 grupos- 36 portugueses e 84 estrangeiros de 21 países a saber: Alemanha, Austria, Brasil, Burkina Faso, China, Croácia, Eslovénia, Espanha, EUA, Filipinas, Hungria, Indonésia, Iraque, Irlanda, Israel, Itália, México, Polónia, Sri Lanka, Venezuela e Vietname.

O bispo de Fall River é natural do estado da Bahia, no Brasil, e foi o primeiro prelado dos Estados Unidos nascido no Brasil. Neste momento preside a uma das mais importantes e significativas comunidades portuguesas dos Estados Unidos onde reside uma numerosa comunidade açoriana, natural ou descendente dos Açores, particularmente da ilha de São Miguel, e muito devota do Divino Espírito Santo. Aliás, quando sair de Fátima presidirá às grandes Festas do Divino Espírito Santo da Nova Inglaterra, que têm lugar no Kennedy Park em Fall River, no penúltimo fim-de-semana de agosto.

D. Edgar Moreira da Cunha foi ordenado padre em 27 de março de 1982, na Igreja de São Miguel em Newark, no estado

norte americano de New Jersey, onde também reside uma importante comunidade portuguesa, sobretudo do norte e centro de Portugal continental, e ordenado bispo em 3 de setembro de 2003, na Catedral Basílica do Sagrado Coração, em Newark.

D. Edgar da Cunha é, de resto, o segundo prelado estrangeiro que presidirá em Fátima este ano já que as restantes peregrinações até outubro serão presididas por bispos portugueses.

Nesta peregrinação, assinala-se a quarta aparição de Nossa Senhora aos três Pastorinhos, a única que não teve lugar na Cova da Iria, dado que Francisco, Jacinta e Lúcia se encontravam fora de Fátima à guarda do Administrador de Ourém, que quis interrogá-los. De acordo com o relato das Aparições Nossa Senhora haveria de lhes aparecer seis dias depois no lugar dos Valinhos, perto de Aljustrel aldeia, onde viviam.

Agosto, mês do trigo em Fátima

Gesto característico no ofertório da Eucaristia da peregrinação aniversária de 13 de agosto é a oferta de trigo, pelos peregrinos. Este gesto realiza-se este ano pela 82.ª vez.

Em 13 de agosto de 1940, um grupo de jovens da Juventude Agrária Católica, de 17 paróquias da diocese de Leiria, ofereceu 30 alqueires de trigo, destinados ao fabrico de hóstias para consumo no Santuário de Fátima. Desde aquele ano, os peregrinos, já não só de Leiria mas também de outras dioceses do país, e até do estrangeiro, têm vindo a dar continuidade, ano após ano, a este ofertório.

Muro de Berlim



Na noite do dia 13, depois do Rosário, há uma oração junto ao memorial do Muro de Berlim. A intenção, este ano ganha uma nova força por causa da guerra no coração da Europa, que envolve a Rússia e a Ucrânia, com repercussões em todo o mundo.

Um pedaço do Muro de Berlim, derrubado em 1989, permanece no Santuário de Fátima para celebrar a paz, 30 anos após um acontecimento que reconfigurou a Europa e mudou o curso da história mundial. Este pedaço do Muro, oferecido por um emigrante português radicado na Alemanha, é um símbolo da liberdade religiosa para um mundo de paz.

O papa João Paulo II, quando vem a Fátima em 1991, diz claramente que Fátima está ligada de forma umbilical ao desmoronamento desse império soviético que tinha como leitura da História o pilar do ateísmo. O monumento alusivo ao Muro de Berlim inclui uma lápide com palavras proferidas por João Paulo II, na sua segunda visita a Fátima, em 1991: "Obrigado, celeste pastora, por terdes guiado com carinho os povos para a liberdade".



Semana das Migrações, de olhos postos na Ucrânia

Realiza-se de 8 a 14 de agosto a 50ª Semana Nacional das Migrações que culmina justamente com a Peregrinação Nacional a Fátima, a 12 e 13 de agosto, acolhendo o repto do santo padre para rezar e construir o futuro com migrantes e refugiados.

Carmo Rodeia



No dia 12 de agosto, realiza-se às 16h00, na sala de imprensa do santuário de Fátima a conferência de imprensa de apresentação da Peregrinação Nacional, promovida pela Comissão Episcopal da Pastoral Social e Mobilidade Humana, em conjunto com o Santuário de Fátima.

“Juntos construímos um Nós maior: uma só família humana” é o lema desta semana que assinala igualmente os 60 anos da Obra Católica Portuguesa das Migrações.

“Estas duas efemérides suscitam em nós todo um conjunto de sentimentos e bons propósitos: sentimentos de ação de graças ao Senhor por estes aben-

çoados e fecundos anos, cheios de vitalidade; sentimentos de gratidão a quantos serviram e servem dedicadamente esta Obra, fazendo dela um rosto visível do cuidado dos bispos em Portugal por esta grande e desafiante realidade das Migrações; propósitos de um comprometimento cada vez maior na reflexão sobre este vasto mundo, à Luz do Evangelho, em ordem a uma intervenção oportuna, coordenada e eficaz” afirma D. Daniel Batalha, vogal da Comissão Episcopal para a Pastoral da Mobilidade Humana.

Durante a Peregrinação à Cova da Iria será retomada a vigília de oração animada pelos secreta-

riados diocesanos de Migrações, comunidades católicas da diáspora e capelania nacional ucraniana.

“Nos 50 anos da Semana Nacional de Migrações, nomeadamente com a Peregrinação dos migrantes a Fátima, teremos a oportunidade de colocar aos pés da Virgem todos os nosso trabalho e propósitos, unindo a nossa oração à oração dos nossos irmãos Migrantes e Refugiados. Virgem de Fátima, rogai por nós”, conclui o bispo D. Daniel Batalha.

No domingo, dia 14 de agosto, realiza-se a jornada de solidariedade para com a mobilidade humana.



QUARTA APARIÇÃO

19 de agosto de 1917

Valinhos

Pessoas presentes (no dia 13): 15000 a 18000, embora alguns escritos falem de apenas 5000

– Que é que Vossemecê me quer?

– Quero que continueis a ir à Cova da Iria no dia 13, que continueis a rezar o Terço todos os dias. No último mês, farei o milagre para que todos acreditem. [Se não tivessem abalado contigo para a Aldeia seria o Milagre mais conhecido; havia de vir São José com o Menino Jesus para dar a paz ao mundo e havia de vir Nosso Senhor benzer

o povo, vinha Nossa Senhora do Rosário com um Anjo de cada lado e Nossa Senhora com um arco de flores à roda.]

– Que é que Vossemecê quer que se faça ao dinheiro que o povo deixa na Cova da Iria?

– Façam dois andores: um leva-lo tu com a Jacinta e outras duas meninas, vestidas de branco; o outro leva-o o Francisco com três meninos. O dinheiro dos andores é para a festa de Nossa Senhora do Rosário e o que sobrar é para a ajuda duma capela que não-de mandar fazer.

– Queria pedir-lhe a cura dalguns doentes.

– Sim, alguns curarei durante o ano.

E tomando um aspecto mais triste:

– Rezai, rezai muito e fazei sacrifícios por os pecadores, que vão muitas almas para o inferno por não haver quem se sacrifique e peça por elas.

Memórias da Irmã Lúcia I. 14.ª ed. Fátima: Secretariado dos Pastorinhos, 2010, p. 178-179 (IV Memória)

A Voz da Fátima agradece os donativos enviados para apoio da sua publicação

Propriedade e Edição

Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Fátima
Fábrica do Santuário de Nossa Senhora de Fátima
Rua de Santa Isabel, 360
AVENÇA – Tiragem 60.000 exemplares
NIPC: 500 746 699 – Depósito Legal N.º 163/83
ISSN: 1646-8821
Nº de Registo na ERC 127626, 23/07/2021
Publicação Doutrinária

Redação e Administração

Diretor: Padre Carlos Manuel Pedrosa Cabecinhas
Redação: Gabinete de Comunicação do Santuário de Fátima
Santuário de Fátima
Rua de Santa Isabel, 360; Cova da Iria
2495-424 FÁTIMA
Telefone 249 539 600
Administração: assinaturas@fatima.pt
Redação: press@fatima.pt
www.fatima.pt

Assinatura Gratuita

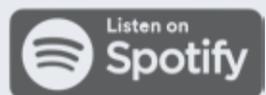
Donativos para ajudar esta publicação:
*Transferência Bancária Nacional (Millennium BCP) NIB: 0033 0000 50032983248 05
*Transferência Bancária Internacional IBAN: PT50 0033 0000 5003 2983 2480 5
BIC/SWIFT: BCOMPTPL
*Cheque ou Vale Postal: Santuário de Nossa Senhora de Fátima (Morada do Santuário, com indicação “Para VF - Voz da Fátima”)
Não usar para pagamento de quotas do MMF
Impressão
FIG, Indústrias Gráficas, S.A.
Rua Adriano Lucas, nº161 | 3020-430 Coimbra

#FÁTIMA NO SÉCULO XXI

D. João Lavrador

Entrevista disponível em www.fatima.pt/podcast

Também disponível em:



“Quando se retira Deus do mundo quem sofre é o homem”

O bispo de Viana do Castelo é o convidado do podcast #fatimanoseculoXXI do mês de agosto. Discorre sobre a atualidade de uma “mensagem que coloca Deus no centro” e que nos alerta para uma “constante necessidade de conversão”.

Carmo Rodeia

“Quando se retira Deus do mundo quem sofre é o homem e foi isso que nossa Senhora disse aos Pastorzinhos, quando falou dos regimes ateus, evocando a Rússia e a necessidade da sua conversão” afirmou ao podcast #fatimanoseculoXXI D. João Lavrador, numa conversa na sequência da sua presidência na peregrinação internacional aniversária de julho, na Cova da Iria.

O prelado sublinha insistentemente que o contexto de hoje é “muito semelhante ao de há cem anos”. Porquê? “Porque a Europa não só não aprendeu como apostatou da fé”. A expressão que é de São Paulo VI, e foi repetida no documento saído do Sínodo da Europa, promovido e liderado por São João Paulo II, remete para a relação entre a matriz cristã da civilização ocidental e o triunfo de uma ideia iluminista e racionalista do homem na sua relação com o religioso.

“A conversão de que fala a mensagem de Fátima é fundamental. Temos de recolocar a nossa relação com Deus como uma prioridade, afirma D. João Lavrador.

“O Deus cristão tem um rosto e nós conhecemo-lo através de Jesus”, que é o oposto “do homem do poder de hoje”. Por isso, a grande questão interpeladora que decorre dos nossos erros – “da Igreja e do homem, muito por culpa da sua ambição política e económica, acompanhada de manipulações ideológicas tremendas” – “é percebermos que não vivemos em ambiente de cristandade e deixarmos de nos comportar como se vivêssemos”, refere.

“As interpelações que se colocavam há cem anos parece que hoje se repetem, quando a humanidade já tem uma experiência que esperávamos fosse diferente; quando já sonhámos uma globalização e com a fraternidade, parece que não aprendemos nada; voltámos ao primitivismo, porque a guerra é sempre um primitivismo” refere ainda.

“O sentido da presença de Deus vem potenciar a vida humana; infelizmente nós somos herdeiros de uma cultura que dividiu estas duas realidades, separando o religioso

da vida concreta, quando Deus encarnou; esse foi o grande erro da nossa cultura e agora estamos a pagar a fatura” referiu. “Retirar o religioso da esfera pública, da vida do dia a dia, é um desastre, e isso verifica-se quando olhamos para o nosso presente”, sublinha. “Quando o Cristianismo cedeu a este ataque foi o caos, porque Jesus fez-se homem, encarnou para nos ensinar a

Precisamos, mais do que nunca, de uma Igreja autenticamente evangélica.

sermos como ele. Portanto, diria, o que falta é uma profunda reflexão antropológica”.

“Fazemos muitas reflexões, mas não fizemos a reflexão sobre o homem e enquanto ela não for feita, estaremos mal”, afirmou D. João Lavrador que é desde novembro do ano passado bispo de Viana do Castelo, depois de ter estado seis anos a liderar a diocese de Angra, no arquipélago dos Açores.

A partir da mensagem de Fátima, lembra que todos os cristãos devem ser interpelados por um “novo ímpeto evangelizador”. “Não é uma questão de massas; não vamos converter toda a gente, mas precisamos de nos pôr ao caminho”, refere.

“Em cada tempo há sinais que permitem decifrar a realidade: a Igreja deixou de sofrer, o papa, os bispos, os sacerdotes, os leigos deixaram de sofrer?” interpela para responder de imediato: “Enquanto a Igreja for caminhando na terra terá sempre de reinterpretar a terceira parte do segredo de Fátima”. E, para isso, temos de fazer caminho juntos, adianta.

“Não vejo a Igreja de outra maneira: uma Igreja que se quer refontalizar, indo às origens do Evangelho e não da arqueologia, tem de caminhar junta, nos seus vários ministérios; tem de ir buscar os dinamismos das primeiras comunidades cristãs, que estavam tão próximas da pessoa de Jesus, que nós hoje devemos perceber delas o que há para fazer, limpando-nos de tantas coisas”.

“Precisamos, mais do que nunca, de uma Igreja autenticamente evangélica”, limpando-nos de “rituais, tradições, muita exterioridade, muito coisa tridentina. Foi bom no seu tempo; hoje não faz sen-

tido pura e simplesmente porque está em colisão com os tempos modernos e, por isso, é arqueologia”, afirma.

“Temos de ser uma Igreja presente no mundo, e o mundo é o de hoje não é o do passado, que respeitamos, mas que já passou. Uma coisa é uma tradição e uma herança viva, que se traduz na vida concreta; outra coisa é arqueologia e isso não vale a pena”, e a realidade “quando é vista com olhos evangélicos abre para um discernimento que exige depois ação” adianta, ainda, a propósito do Sínodo dos Bispos agendado para outubro de 2023.

“Precisamos de ser capazes de transformar a realidade; a ação é muito importante” enfatiza destacando que “o Evangelho tem de nos transformar a nós primeiro; nós não somos doutores da lei que ensinamos doutrina” refere para lembrar que esta é também uma chave de leitura que a Mensagem nos continua a dar.

Neste podcast disponível em www.fatima.pt/podcast e nas plataformas iTunes e Spotify, o prelado que durante oito anos foi capelão do Carmelo de Coimbra – e por isso próximo de Lúcia, a mais velha dos videntes de Fátima e a que nos deixou as linhas mestras do colóquio com Nossa Senhora, em 1917, durante as seis aparições e depois as posteriores em Tuy e Pontevedra – lamenta “o tempo demasiado” que tem levado à proclamação da sua santidade.

“No dia do seu funeral de súbito o povo declarou-a santa; sinceramente não sei o que pode estar a atrasar tanto este processo” refere visivelmente emocionado quando o tema da conversa era Lúcia: “Era uma mulher extraordinária que vivia no Carmelo, mas conhecia o mundo como ninguém através da correspondência. Além de inteligente, era viva e brincalhona. Ninguém escapava às suas brincadeiras. Muitas vezes dizia-me: não é por falar alto que converterá mais pessoas [risos]... Era assim muito assertiva”.

“Impressionou-me sempre a sua serenidade. Lembro-me de quando foi a questão do aborto... Ela serenamente aceitava como que reconhecendo que este era um apelo à conversão. Era tremendamente exigente mesmo para as mais novas: a exigência de aprumo, de fidelidade” afirmou. “Só por isso e por ser portadora desta mensagem deveria já ter acontecido mais alguma coisa”, conclui D. João Lavrador.



PROTAGONISTAS DE FÁTIMA

O emigrante

Agosto é, por excelência, o mês em que os emigrantes regressam a Portugal para estar com a família e sarar da provação de se estar longe do lugar onde se nasceu. Por estes dias, a Cova da Iria é também lugar de regresso para os que partiram para outro país, em busca de outras oportunidades. No Santuário de Fátima, encontram o regaço da Mãe de Deus e alimentam à fé, que lhes dá ânimo para mais um ano.

Diogo Carvalho Alves



Há já 50 anos que a Peregrinação Internacional de Agosto coincide com a Peregrinação do Migrante e do Refugiado. Este mês de verão é também aquele em que mais peregrinos emigrantes se fazem presentes na Cova da Iria.

Na Oração dos Fiéis da Missa Internacional Aniversária de 13 Agosto, uma das preces é inclusivamente dedicada aos emigrantes e às suas famílias, aludindo-se às dificuldades que estes portugueses ultrapassam com esforço e fé, longe de Portugal.

A atenção a esta realidade faz-se concreta nas homilias deste dia. No ano passado, o cardeal D. António Marto adjectivava esta peregrinação como “uma experiência viva e concreta da fraternidade universal, multicolor, que todos somos chamados a construir através do intercâmbio da riqueza de povos e culturas, na harmonia e na paz entre todos”, depois de o cardeal Jean-Claude Hollerich, arcebispo do Luxemburgo, ter defendido o papel dos migrantes na missão da Igreja e elogiado “as mãos, o trabalho, o suor do rosto, a inteligência e o sacrifício” das famílias emigrantes, que são importante contributo para o desenvolvimento dos países que os recebem.

Na centenária Voz da Fátima, o protagonismo dos emigrantes também é refletido em notícias, textos de opinião e editoriais, ao longo dos tempos. Em 2019, o reitor do Santuário, padre Carlos Cabecinhas, apresentava as dificuldades que a numerosa comunidade portuguesa na diáspora se confrontava como o “melhor antídoto contra a indiferença e contra os preconceitos”.

Os emigrantes, que se fazem protagonistas na Cova da Iria, sobretudo em agosto, assumem-se também como mensageiros de Fátima, nos países onde estão radicados, difundindo naqueles lugares a mesma devoção que os faz regressar, a cada ano, ao Santuário. Nesta dinâmica, são arautos das palavras de paz e conversão que Nossa Senhora legou a três crianças, para o mundo.

A PEÇA DO MÊS

MSE, inv. n.º 5673-OUT.II.2791

Clara Menéres, 2016

Alumínio gravado | 123,7 x 85,9 x 4,5 cm



Anjo da Paz

O alumínio gravado de Clara Menéres representa um jovem, a meio-corpo, que segura uma pomba, ao nível do peito, reconhecido símbolo da paz. O seu rosto e pose transmitem serenidade, que se contrapõe aos cabelos revoltos da figura, que recordam a escultura de Maria Amélia Carvalheira da Silva para a Loka do Cabeço em 1958, e ao fundo da composição, enriquecido com incisões curvilíneas que como que formam as asas do ser celeste.

Tanto as asas como a pomba são elementos somados pela artista ao relato feito pela Irmã Lúcia das aparições angélicas. Porém, quer o recurso a uma superfície metálica para suporte da composição, quer o uso da técnica de gravado para a amplificação dos efeitos da luz sobre o alumínio, mostram um evidente esforço de Clara Menéres para se aproximar da descrição que a vidente faz da entidade: «mais branco que se fora de neve, que o sol tornava transparente como se fora de cristal e duma grande beleza».

A obra foi concebida no âmbito da exposição Mater Dei, com lugar em Lisboa e Fátima, entre 2016 e 2017, pretendendo-se com esta mostra assinalar o tricentenário da instituição do Patriarcado de Lisboa e o centenário das Aparições de Fátima. Findo o evento, Clara Menéres doou a peça ao Santuário de Fátima.

Museu do Santuário de Fátima

XV Estação da Via-Sacra no Caminho dos Pastorinhos

No final do percurso da Via-Sacra que conduz ao Calvário Húngaro, já junto da Capela de Santo Estêvão, encontra-se uma estação que fora acrescentada, em 1992, ao conjunto inicial das catorze estações, datado de 1960-1962.

Trata-se da estação evocativa da Ressurreição de Jesus, também ela tratada em alto relevo na pedra calcária, ainda que a volumetria, provavelmente mercê da idade avançada da escultora, seja menos pronunciada do que a das estações esculpidas três décadas antes. Neste quadro, vê-se, em plano superior, a elegante figura de Cristo Ressuscitado, nimado com o triângulo divino e sustentando a bandeira da vitória com a mão dextra. O plano inferior é ocupado pelo sepulcro aberto, mostrando-se a pedra rolada a deixar ver o lugar da sepultura. Junto à pedra observa-se uma cabeça de anjo e à entrada do sepulcro um anjo de corpo

inteiro, cujo arquétipo visual é claramente o anjo que Maria Amélia Carvalheira, a autora dos relevos desta via sacra, também esculpiu, em 1958, para a Loka do Cabeço, para figurar a terceira aparição do Anjo de Fátima. No campo visual, prostrados por terra, jazem os soldados da guarda, caracterizados como militares romanos, sendo o rosto de um deles retrato de uma figura próxima da escultura. Ao longe, quase imperceptíveis e na mesma linguagem ao mesmo tempo naïf e delicada, veem-se as mulheres que vêm ao sepulcro.

Igualmente patrocinada pelos católicos húngaros, esta estação da Via Crucis, passados três anos da Queda do Muro de Berlim, simboliza também a ressurreição dos povos de Leste que, a partir de 1989, já viviam a sua religião em contexto de liberdade.

FÁTIMA AO PORMENOR

Marco Daniel Duarte, Departamento de Estudos do Santuário de Fátima





OPINIÃO

Pedro Valinho Gomes

Nos difíceis anos da segunda grande guerra, o teólogo suíço Karl Barth escrevia uma carta a Hitler denunciando as suas políticas totalitaristas e o seu desejo de transformar a igreja numa questão de estado. Barth denunciava o projeto de “salvação” do mundo que Hitler impunha à sua medida, através da supressão das liberdades individuais, da coação e de políticas genocídias. Ora, a liberdade era questão demasiado fundamental para que um cristão se deixasse coagir ou simplesmente ficar confortavelmente impassível enquanto o mundo à volta ruía. Admiro este esforço de pensar a fidelidade ao evangelho mesmo quando (sobretudo quando) o mundo se abriga dos bombardeamentos e assiste impotente

O b-a-ba do testemunho

Pedro Valinho Gomes é investigador nas áreas da Teologia e da Filosofia

Foto: © Vlada Karpovich | Pexels

ao holocausto. Parece quase um contrassenso. Mas encontro precisamente aí uma metáfora extraordinária para o tipo de exercício de discernimento a que a igreja é chamada e de que precisa. Todos os momentos, mais ainda os de tribulação, são propícios para redescobrir a história que molda a igreja a partir de dentro, que a chama a testemunho corajoso e que é, em si mesma, o dinamismo que transforma o mundo. É a única forma de a igreja se recordar que a sua missão não é a de salvar o mundo, mas de lhe anunciar, com a sua própria vida, através das lutas que trava e do quanto dá de si mesma, a história que salva o mundo e que tem um nome, Jesus Cristo.

Em tempos do *self-made man*, talvez não haja conversão maior do que a de desistir de se salvar a si mesma e de salvar o mundo. Repito: bem sei que pode parecer um total contrassenso. Ou não é a salvação o *core business* da Igreja? A resposta é claramente afirmativa. Mas a salvação é assunto es-

sencial da Igreja não como quem a administra, mas como quem a anuncia para que o mundo conheça o dom que lhe foi oferecido e se alegre e viva plenamente. A tarefa da Igreja não é a de um gestor da salvação, mas a do testemunho da salvação: «Sereis minhas testemunhas até aos confins da terra» (At 1,8). É assunto de contágio na alegria e não de juízo moralista implacável. E é por ser questão de testemunho que o cristão é levado a agir mesmo em tempos de tribulação. Para que a alegria do mundo seja plena, a liberdade que Cristo oferece há de ser anunciada mesmo quando custa. E custa. Porque talvez nada custe tanto como desistir de se salvar a si mesmo e de salvar o mundo à nossa pequenina, mesmo mesquinha medida (ainda que seja à medida da Igreja, será sempre uma medida pequenina, mesmo mesquinha).

Em tempos sinodais (que são os tempos da Igreja no seu todo – porque sínodo, mais do que um encontro, é uma atitude

eclesial), importa recordar este b-a-ba eclesiológico, que já Paulo conhecia bem: «não nos anunciamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus» (2Cor 4,5). A comunidade cristã não vive para si mesma. É por isso que o “sucesso” da Igreja (vocábulo aliás estranho ao léxico eclesial) não se mede numa folha de *excel*, com percentagens crescentes de praticantes e de recetores de sacramentos. Podem as folhas de *excel* apresentar percentagens de um dígito só; se a história que salva continuar a ser anunciada na humildade dos gestos simples, se esse fermento continuar a levedar a sociedade com a alegria da certeza da salvação, se as portas das igrejas e dos corações não se fecharem, mas caírem, e as comunidades não forem mais vistas como um clube ao qual se pertence quando se tem as quotas (até mesmo sacramentais) em dia, a missão está a ser cumprida. A Igreja é aventura descomplicada. É questão de aprendizagem do b-a-ba do testemunho.



OPINIÃO

Irmã Sandra Bartolomeu

Quando eu era estudante, lembro-me de encontrar numa parede contígua à escadaria da faculdade a placa identificativa de uma obra de arte supostamente em exposição. O título da obra creio que era «Tesouro». A ficha técnica fazia referência a missangas de diferentes metais. Mas na proximidade da placa não se via obra alguma. No final desse dia ou de algum dos seguintes, ao descer até ao rés-do-chão e atravessar o *hall* para sair, eis que a luz rasante do pôr-do-sol fez reluzir, entre as brechas dos degraus daquele edifício franciscano, algo inabitual e com aspeto precioso. Recordei-me, então, das várias manhãs em que, ao entrar, vi dois ou três colegas debruçados sobre os primeiros degraus da escada, com a cabeça quase encostada ao chão e que, com gestos meticulosos empunhando pinças à semelhança de arqueólogos ou de ourives, se

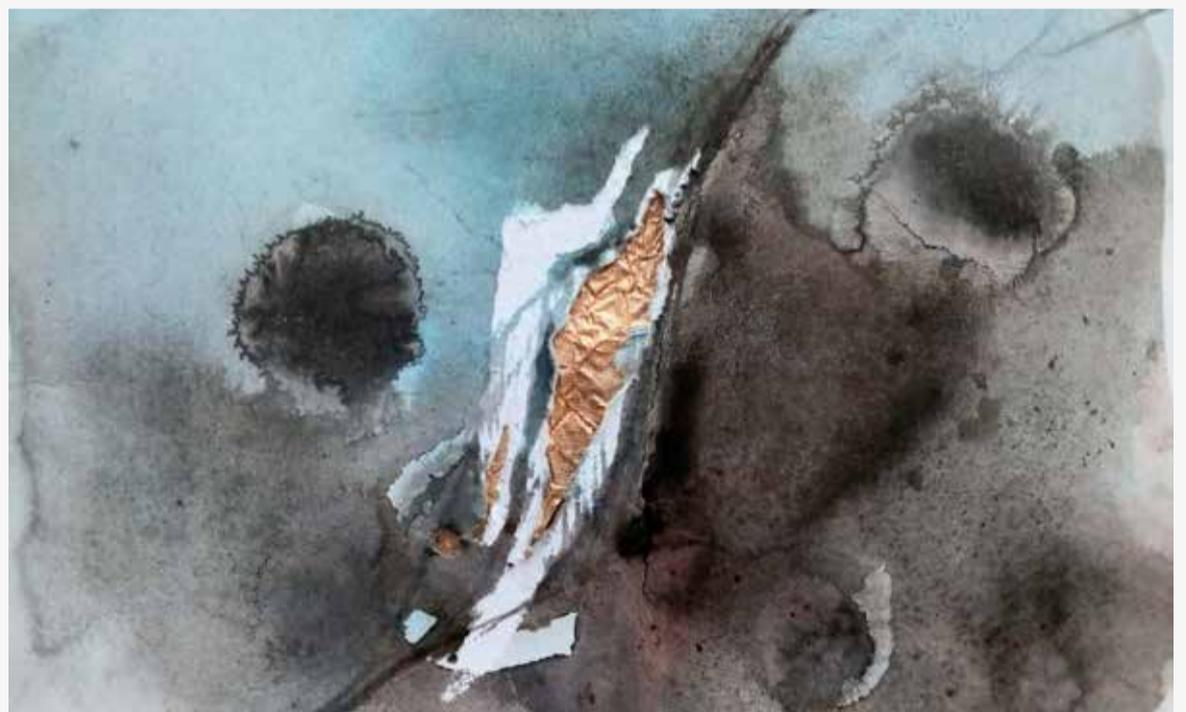
Apreciar o pequeno, contemplativamente

A Irmã Sandra Bartolomeu é religiosa das Servas de Nossa Senhora de Fátima

dedicavam a uma operação de infinita paciência e suportavam na paz os olhares de estranheza dos pares que passavam a toda a hora. Ali, escondido entre as fendas da pedra gasta pelos séculos, estava um “tesouro” que só se deixava encontrar por um olhar silencioso e atento. Esta instalação artística era uma belíssima provocação a um olhar contemplativo, isto é, que busca a verdade e o segredo da vida eterna para além da aparência imediata e banal das coisas.

Normalmente – e impulsionados por uma sociedade mediática, em que toda a palavra e imagem compete vertiginosa a habilmente por captar a nossa atenção – o pequeno, o discreto e o habitual passam-nos despercebidos e tendemos a considerá-los como algo menor, por comparação ao que se impõe aos nossos sentidos pela sua novidade, magnificência, velocidade, brilho ou ruído. Diz o provérbio chinês que «uma árvore a cair faz mais barulho que uma floresta a crescer» – que, claro está, não faz barulho nenhum; e, por isso, tendemos a não valorizar o imenso bem que silenciosamente acontece.

Mas Deus, que vê o que está



oculto, insiste em ensinar-nos a olhar para além do que parece não ter valor, para ver a grandeza que se esconde no que é pequeno e silencioso. Assim ensinava Jesus quando chamava a atenção para a viúva que lançou apenas duas pequenas moedas na caixa do tesouro do templo, ou quando comparava o reino

dos Céus a um grão de mostarda, a uma pequena medida de fermento lançada na farinha ou a uma dracma perdida pela qual uma mulher se alegrou em ter encontrado.

Um olhar contemplativo, à semelhança do de Jesus, desenvolve em nós atitude da gratidão, vencendo a tentação de procurar

sempre a felicidade no idealismo e no grandioso. Ela dá a ver que o pequeno do aqui e do agora da vida quotidiana que nos são dados como dom, ou mesmo os degraus fendidos da história, são campo onde se esconde o tesouro, brechas abertas por onde Deus se dá a nós e nos dá a vida abundante que nos prometeu.

“Emigrantes, Nossos Irmãos. Lembra-te!”

Carmo Rodeia

O título desta página é pedido de empréstimo a dois editoriais da Voz da Fátima, assinados por Monsenhor Luciano Guerra, em 13 de agosto de 1975 e 2000.

O então reitor do Santuário de Fátima vincava uma posição clara sobre a emigração, e

a partir do Evangelho deixava nota do que em Fátima se pensava sobre o fenômeno migratório, num mês que passou a ser conhecido, por causa das férias dos emigrantes portugueses, como o mês da “Peregrinação dos Emigrantes”, a

que se associou há 50 anos a Obra Portuguesa das Migrações, responsável pela organização da Semana Nacional das Migrações que culmina sempre a 12 e 13 de agosto, em Fátima.

Por isso, com alguma regularidade o jornal no editorial de

agosto aborda a questão dos emigrantes e dos imigrantes, em textos de opinião.

Este é um dos muitos exemplos que neste centenário da Voz da Fátima lembramos para sublinhar que este jornal, além de dar a conhecer o que se rea-

liza na Cova da Iria, é uma espécie de “manual” sobre o que Fátima tem a dizer ao mundo a partir da realidade concreta que o mundo apresenta, em cada tempo e em cada lugar, sempre em chave de leitura com a própria mensagem.

Editorial da Voz da Fátima, jornal n.º 935, 13 de agosto de 2000

“Lembra-te!”

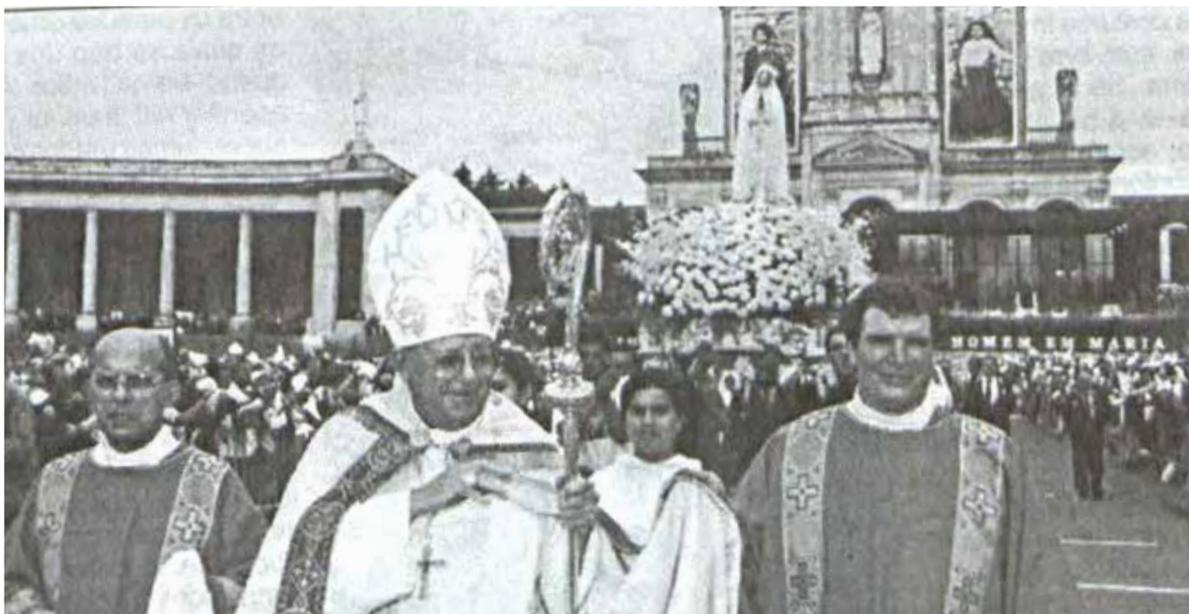
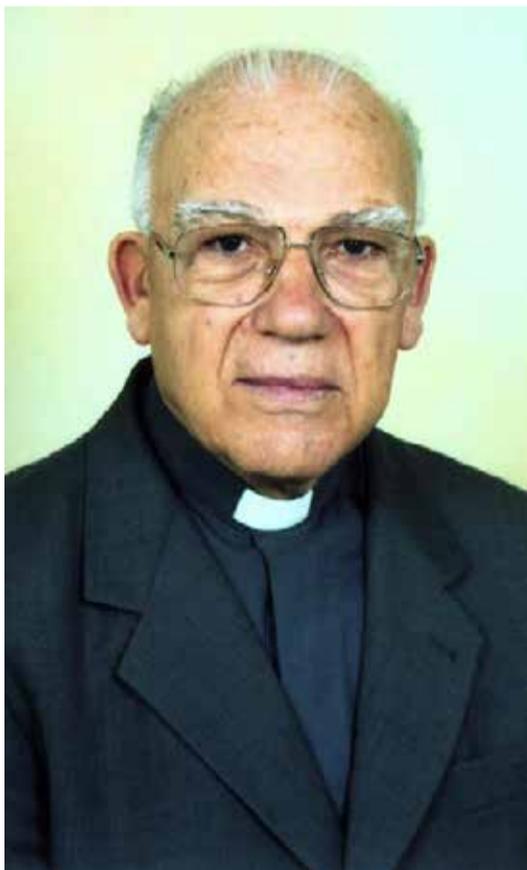
“Somos um país de cristãos! Não podemos comportar-nos como se o acolhimento aos imigrantes devesse ser deixado ao sabor das marés do mercado.”

“[...] A emigração é uma necessidade. Porque uns têm fome, não têm onde trabalhar, e outros têm campos, fábricas e escritórios com encomendas em atraso. E vivem lado a lado, separados por linhas convencionais de fronteiras que lhes não fecham os olhos. Dá-se então com o trabalho o que acontece na atmosfera: as diferenças de temperatura põem o ar em movimento, provocando desde as pequenas correntes até aos mais devastadores furacões. Depende das quantidades de ar e das diferenças de temperatura. Se ninguém tem a pretensão de deter os movimentos térmicos, inútil seria tentar reprimir as migrações, que nasçam de insuportáveis ou mesmo só de grandes diferenças sociais.

Ninguém emigra por prazer. Emigra-se para fugir a um mal-estar: à humilhação, talvez à morte, e sempre à dor. Emigra-se com sacrifício. Mas não se fica a fazer parte de uma nação só porque se vai para lá trabalhar. O processo de enraizamento na terra onde se vai trabalhar, assim como o nascimento do direito a permanecer, dentro ou fora de quadros de crise, até poder fixar residência definitiva, é um processo delicado e complexo, que merece ser bem estudado e já tem ocasionado acordos amigáveis entre nações, fundando a esperança de que um dia se possa chegar a convenções internacionais de maior alcance e obrigatoriedade. O que acontece com alguns países latinos é prova de que a emigração se atenua ou desaparece quando a deslocação já não vale o sacrifício. Mas sempre, em todos os lugares, as migrações deram azo a novos equilíbrios socioeconómicos, a novas misturas rácicas, a novas civilizações e até à passagem do pioneirismo histórico de uns lados para os outros. Ou seja, através de muitos sofrimentos é certo, as migrações não são só necessárias, são também benéficas. A partir daqui, e já que Portugal começa agora a ser também país de imigração (com i), é caso para irmos procurar na nossa maior fonte de referência, a Sagrada Escritura, um lema ou primeiro segredo para a nossa atuação: ‘lembra-te de que já foste estrangeiro na terra do Egito (Lev 19,34)!’. Seria um bom slogan para uma das próximas peregrinações de 12 e 13 de Agosto. Lembra-te! Algumas expressões de racismo entre populares e políticos, a braços com problemas de desemprego, droga e criminalidade, põem-nos de sobreaviso contra a tentação de esquecermos que ainda hoje somos um país de emigrantes (com e). E que, se queremos que sejam respeitados os direitos dos nossos familiares no estrangeiro, teremos de começar por respeitar os que procuram entre nós uma melhoria de vida. Há sempre gente revoltada e delinvente entre os emigrantes, mas se nos repugna que os estados americanos do Norte infestem as nossas ilhas com drogados e doentes de sida, temos de saber assumir os inconvenientes que a imigração traz consigo. Somos um país de cristãos! Não podemos comportar-nos como se o acolhimento aos imigrantes devesse ser deixado ao sabor das marés do mercado, que hoje tende a um extremo e cruel liberalismo, ou aos que alimentam um ódio visceral à economia livre, e que em aparência se não importavam nada de ver a nação submersa no caos, só para poderem ainda experimentar a sua ditadura de classe. As migrações acontecem para obviar aos desequilíbrios de mais ou menos penosas relações de vizinhança entre povos, regiões, nações e continentes. Nem sempre os fluxos poderão ser controlados e dirigidos, de modo que todos venham a beneficiar ao máximo, os que emigram e os que os acolhem.

Mas, por amor do bem comum e da paz, que devem ser o nosso ideal, compete-nos estudar cuidadosamente a realidade, quanto aos trabalhadores que podemos receber: às exigências da união familiar, à necessidade da solidariedade nas crises de trabalho, aos salários, à habitação e às raízes que os estrangeiros vão criando, até lhes devemos assegurar o direito a nacionalizarem-se. Lembra-te!

Monsenhor Luciano Guerra



Bispo de Caracas, na Procissão do Adeus, durante a Peregrinação Internacional Aniversária de Agosto de 2000. (foto publicada na Voz da Fátima de Setembro de 2020)

“Fátima e as migrações” é o título do editorial de 13 de agosto de 2016, quando o mundo atravessava uma das suas mais trágicas e explosivas vagas de migrantes, na sua maioria, do Norte de África e do Médio Oriente, rumo à Europa. Mas também nos Estados Unidos começavam a ser forjadas as primeiras fronteiras de pedra para evitar a entrada de sul americanos nos Estados Unidos da América. Uma vez mais, Fátima procura ser uma luz para os tempos conturbados. O editorial é assinado pelo padre Carlos Cabecinhas, reitor.

“Fátima e as Migrações”

Editorial da Voz da Fátima, jornal n.º 1127, 13 de agosto de 2016

A Peregrinação Internacional Aniversária de 12 e 13 de agosto ao Santuário de Fátima torna particularmente visível a grande ligação dos emigrantes portugueses espalhados pelo mundo a este Santuário e, ao mesmo tempo, oferece-nos a ocasião para lembrar a situação dramática de tantos migrantes e refugiados por quem rezamos e que somos convidados a acolher.

A questão do acolhimento dos refugiados continua na ordem do dia e esta Peregrinação vem recordar-nos a necessidade de sabermos acolher aqueles que se veem impelidos a deixar os seus países por causa da guerra. São muito poucos quando comparados com os milhões de refugiados atualmente existentes em todo o mundo. Respondendo aos apelos insistentes do Papa Francisco e dos bispos portugueses, e porque o acolhimento faz parte da identidade do Santuário, manifestamos, desde o primeiro momento, a disponibilidade para acolher refugiados.

O Papa Bento XVI, na primeira Audiência Geral depois da sua peregrinação a este Santuário, afirmou que Fátima ‘é uma escola de fé e de esperança, porque é, também, escola de caridade e de serviço aos irmãos’ (19 de maio de 2010). O acolhimento de refugiados é uma das concretizações desta dimensão caritativa do Santuário de Fátima. O drama dos refugiados, para o acolhimento dos quais se mobilizam atualmente muitas instituições e pessoas, pode, porém, fazer-nos esquecer a necessidade de sabermos acolher e integrar os outros migrantes, que procuram entre nós as condições para uma vida digna para si e para os seus, não tendo uma estrutura de apoio e integração, como agora têm os refugiados.

O testemunho das dificuldades sentidas por tantos dos nossos emigrantes deveria ser a melhor arma contra a indiferença perante as dificuldades dos imigrantes que estão entre nós. Apesar de serem tantas as comunidades portuguesas espalhadas pelo mundo, por vezes, esquecemo-nos de que somos também país de acolhimento, que tem o dever de receber como gostaríamos de ser recebidos em país estrangeiro.

Esta Peregrinação de agosto, que dedica especial atenção aos migrantes e refugiados, torna ainda particularmente visível e notória a ligação dos emigrantes portugueses a Fátima. Mesmo na diáspora, Fátima acompanha os portugueses: as comunidades lusas levaram imagens de Nossa Senhora de Fátima um pouco por todo o mundo e foram sempre grandes obreiras da difusão da devoção a Nossa Senhora de Fátima.

O Santuário está grato por tal testemunho de devoção. Em 13 de maio de 2010, o Papa Bento XVI designava o Santuário de Fátima como o ‘coração espiritual de Portugal’. Os emigrantes portugueses testemunham isso com a sua presença numerosa, sobretudo nos meses de julho, agosto e setembro. Muitos são os que não concebem vir a Portugal sem peregrinar a Fátima. A peregrinação de agosto vem sensibilizar-nos para a necessidade de acolhermos refugiados e migrantes e traz-nos, igualmente, um belo testemunho de fé

“O acolhimento de refugiados é uma das concretizações desta dimensão caritativa do Santuário de Fátima [...] O testemunho das dificuldades sentidas por tantos dos nossos emigrantes deveria ser a melhor arma contra a indiferença perante as dificuldades dos imigrantes que estão entre nós”



Peregrinos entregam o trigo, durante a Peregrinação Internacional Aniversária de Agosto de 2016. (Foto publicada na Voz da Fátima de setembro de 2016)

“Voz da Fátima: Rosto do Santuário na Cova da Iria foi o tema da visita temática de agosto à exposição temporária do Santuário Rostos de Fátima

Iniciativa decorreu no dia 3 de agosto.

Carmo Rodeia



Na foto, peregrinos recebem a edição de 13 de maio de 1934 da Voz da Fátima, num do registo mais antigos da distribuição do jornal centenário.

O centenário jornal Voz da Fátima, órgão oficial do Santuário de Fátima, foi o tema da quarta visita temática à exposição “Rostos de Fátima: fisionomias de uma paisagem espiritual” do ano pastoral 2021/2022.

Esta iniciativa orientada pela diretora do Gabinete de Comunicação do Santuário, Carmo Rodeia, inseriu-se também no contexto comemorativo do centenário da Voz da Fátima, dando assim visibilidade a um dos pilares de informação e divulgação do Santuário de Fátima, sem perder de vista a leitura que Fátima queria fazer do mundo, a partir do seu próprio edifício temático.

Centrando a apresentação numa releitura dos editoriais e de algumas rubricas do jornal, como a música, a publicidade, os leitores, as temáticas, a responsável pelo Gabinete de Comunicação destacou em particular a “intencionalidade da direção

da Voz da Fátima em se pronunciar sobre várias situações que agitavam o mundo, o País ou o próprio Santuário, emitindo opiniões e orientações rigorosas e fundamentadas, procurando afirmar a relevância de Fátima para a interpretação do mundo”. Foi salientado que esta postura foi particularmente evidente a partir do reitorado de Monseñor Luciano Guerra, estendendo-se depois pelos dois reitorados que se lhe seguiram.

“A Voz da Fátima acompanha a dinâmica do Santuário assumindo-se como parte integrante deste enorme edifício para onde peregrinam anualmente milhões de pessoas em busca de um sentido, fazendo eco desse movimento e levando-o a milhares de lares”, afirmou.

“Tendo a notícia como matéria-prima natural da sua estrutura, em geral, a opinião, através do editorial mostra um modo de ver

e de pensar a partir de um lugar, que não se fecha mas é antes o ponto de partida para uma vida nova. Sem silenciar. Nem os temas mais inconvenientes da sociedade ou do próprio Santuário, indo ao encontro do que os leitores esperam”, referiu destacando a este propósito temas como a relação de Fátima com a Rússia, com o comunismo e com os regimes ateístas mas também a própria relação de Fátima com o Estado Novo e com o Portugal nascido do 25 de abril de 1974. Aliás, neste capítulo da relação entre Fátima e o ambiente político português foi sublinhada “uma demarcação intencional permanente” por parte dos sucessivos reitores, com especial evidência do Reitor Luciano Guerra, “em evitar colagens ou rótulos de facção que acantassem Fátima num lado da realidade”.

Cientes de que o editorial “tem sempre de tomar partido, pois sua finalidade é aconselhar e dirigir as opiniões dos leitores e que os editoriais insignificantes e fora de compasso são uma escamoteação à boa fé dos leitores que os lêem com ânimo de encontrar nas suas linhas o caminho, os editoriais na Voz da Fátima, desde o primeiro número souberam sempre para onde se queria levar a reflexão, seja no que toca aos temas da Igreja seja no que toca aos temas mais sociais e do mundo”, afirmou ainda.

“Cumprindo aquela que é a missão de um jornal- informar e formar- a Voz da Fátima foi e é um periódico que embora não seja vendido e não esteja acessível para além dos assinantes ou dos locais de distribuição no Santuário, é uma das grandes referências da Imprensa periódica através do qual po-

demos ler a Igreja e o mundo em cada tempo, nestes últimos cem anos, seja o mundo português seja o mundo na sua globalidade, incluindo nos temas que hoje são tão caros à Igreja”, concluiu.

Esta visita à exposição temática à exposição temporária “Rostos de Fátima-fisionomias de uma paisagem espiritual” foi a penúltima que se realizou à exposição inaugurada em 2020, e que permanecerá aberta ao público até outubro deste ano.

Neste ano do centenário, que termina em outubro, o Santuário levou a cabo uma série de iniciativas para sublinhar a relevância do seu instrumento de comunicação mais periódico e relevante, das quais se destacam uma exposição mural nas alamedas do Santuário, uma presença no NewsMuseum e ainda a publicação científica sobre o jornal, que sairá no final do ano.

A paz é um dos “problemas mais urgentes da cultura dos nossos tempos” e uma “responsabilidade de todos”

D. João Lavrador presidiu em Fátima à Peregrinação Internacional Aniversária de julho.

Carmo Rodeia e Diogo Carvalho Alves

O bispo de Viana do Castelo disse na homilia da Missa Internacional da Peregrinação de julho, em Fátima, que a paz “exige a participação de todos os homens” porque é um dos “problemas mais urgentes da cultura dos nossos tempos”. “Como se nada tivesse mudado de há um século até hoje, a humanidade continua a viver numa ameaça permanente de guerra, de conflito, de violência e de destruição”, disse D. João Lavrador, na Eucaristia a que presidiu no Recinto de Oração, na Cova da Iria, no dia 13 de julho.

O prelado observou que o requinte das possibilidades de destruição, proporcionado pela tecnologia bélica, “coloca a humanidade perante a possibilidade da sua autodestruição”.

A peregrinação internacional aniversária de julho evoca a terceira aparição de Nossa Senhora aos Pastorinhos, em 1917. Um dos seus momentos centrais “ficou conhecido como o segredo de Fátima”.

O presidente da celebração assinalou que todos são “chamados a edificar a paz”, e, acompanhando os desafios que Nossa Senhora, a partir da Cova da Iria, são “chamados a ser arautos e construtores da paz”.

D. João Lavrador salientou que se a paz “exige” a participação de todos os homens, “os cristãos têm uma responsabilidade particular”, e lembrou que o Concílio Vaticano II afirma que todos os cristãos são “insistentemente chamados a que, praticando a verdade na caridade, se unam homens verdadeiramente pacíficos para implorarem a paz”.

“Nossa Senhora neste lugar, com palavras muito próprias, apelou à conversão, à oração e ao

sacrifício, para se alcançar a paz: forte apelo que terá de ressoar hoje como apelo à conversão do coração de cada pessoa, de cada comunidade, sociedade, povo e nação, à conversão da mente e da vontade de quem tem o dever de orientar os povos pelas sendas da paz”.

Segundo o bispo de Viana do Castelo, se a paz a nível mundial preocupa, “não é menos importante” reconhecer e atuar “nos contextos da vida”, nomeadamente, nos vizinhos, nas associações, nas empresas, nas escolas e universidades. “Na participação política e cívica, a paz é um dom e uma tarefa”, realçou.

Para o presidente da Peregrinação Aniversária de julho à Cova da Iria, é necessária também uma “renovação na educação das mentalidades e da opinião pública”, e quem se dedica a estas duas áreas deve “procurar formar as mentalidades de todos para novos sentimentos pacíficos”.

D. João Lavrador concluiu a homilia implorando de Nossa Senhora do Rosário de Fátima a bênção para “todos os povos fustigados pela guerra, nomeadamente o povo irmão da Ucrânia”, e o despertar para todos serem “missionários da esperança e da alegria”.

Entre as orações dos peregrinos, durante a missa, estiveram os temas da construção da paz, a solidariedade, a pandemia e os incêndios.

A prece “Pela paz no mundo, em especial pelas vítimas na Ucrânia, para que o Senhor ensine o mundo a amar a paz, a construí-la e a defendê-la” foi lida em inglês.

Os peregrinos foram convidados a rezar pelas vítimas dos incêndios “que assolam o país e

outras regiões no mundo”, e por todas as pessoas empenhadas “em os combater” – os bombeiros, a proteção civil e os voluntários – para que “sintam o apoio” da solidariedade e da oração, e todos possam “agir de modo responsável na prevenção dos fogos”.

No início da celebração, devido ao “muito calor previsto”, o Santuário de Fátima pediu aos peregrinos que procurassem sombras e bebessem água, indicando que as fontes junto à imagem do Sagrado Coração de Jesus, no centro do Recinto, iriam estar disponíveis para todos.

Já no dia 12, quando em Fátima se iniciava a Peregrinação de julho, milhares de bombeiros dos concelhos de Leiria e Ourém debatiam-se contra os incêndios de grande monta que ameaçavam populações vizinhas de Fátima. Vários dos acessos ao Santuário estiveram fechados e os fogos obrigaram mesmo ao corte da A1 em ambos os sentidos, entre Pombal e Fátima, do IC 2, em Leiria, e do IC 8, entre Pombal e Ansião.

“Já temos uma longa história de atrocidades e flagelos que nos deveriam levar a reconhecer que os caminhos que a humanidade tem trilhado, fruto de uma cultura de morte, afastada de Deus e da comunhão com o outro, como irmão, conduziram ao sofrimento e ao desespero” afirmou durante a celebração da Palavra, na Vigília, D. João Lavrador, que presidiu pela primeira vez em Fátima na qualidade de bispo de Viana do Castelo, cujas funções assumiu a 27 de novembro do ano passado, depois de ter saído de Angra, nos Açores, onde esteve como bispo titular durante seis anos.



Doentes convidados a experimentar a proximidade, ternura e compaixão através da “simplicidade do silêncio”

No momento da Adoração Eucarística, os doentes foram exortados a “experimentar o olhar de proximidade, ternura e compaixão” através da “simplicidade do silêncio”, nas palavras do padre Pedro Dionísio, da diocese de Santarém, lidas pelo padre Daniel Mendes, capelão do Santuário de Fátima e assistente nacional do Movimento da Mensagem de Fátima: “Neste momento de sofrimento e de dor, que Jesus se faça presente, se aproxime de ti, para te consolar e animar e te diga: vem a Mim, tu que andas cansado e abatido e Eu te aliviarei [...] Hoje, aqui e agora e sobretudo nos momentos de desesperança, não hesites nem temas em Lhe estender a mão, porque também a ti Jesus não cessa de dizer: ‘levanta-te e anda!’”. Foram convidados, ainda, ao amparo mútuo no sofrimento, como sinal da misericórdia de Deus.

Peregrinos desafiados a “olhar o mundo através dos olhos de Deus”

Na conclusão da Peregrinação, o bispo de Leiria-Fátima convidou os peregrinos a consagrarem-se, em silêncio, a Maria, “assumindo a vontade de tornar realidade a Palavra e o projeto de Deus no mundo”.

Na palavra final, D. José Ornelas Carvalho dirigiu-se aos peregrinos portugueses e estrangeiros, a quem desafiou a “tomarem em mãos todas as preocupações, alegrias e projetos que ali trouxeram, em particular pela pandemia, pela guerra e pelos incêndios, confiando-os ao carinho de Maria e à proteção e Palavra de Deus escutada”, sublinhando a importância da oração nesta atitude devocional: “rezar significa olhar todas estas realidades com os olhos de Deus, pedindo a Sua proteção, a Sua força e o Seu Amor”, concretizou, ao tomar a Virgem de Fátima como “modelo para se construir uma Igreja melhor, sinodal e em que todos participam, como Ela, para transformar este mundo e ir ao encontro daqueles que mais precisam”.

Fizeram-se anunciar nesta peregrinação 27 grupos organizados do Vietname, Espanha, Polónia, Irlanda, Reino Unido, Estados Unidos da América, França, Itália, Alemanha, Costa do Marfim, Brasil, Croácia, Hungria e Portugal.



Grupo de doentes de Coimbra e Leiria participam em retiro no Santuário de Fátima

Encontro foi “um bálsamo para a alma”.

Cândida Proença | diocese de Coimbra, participante no retiro de doentes

Após dois anos de interrupção, devido à situação pandémica, um grupo de doentes de Coimbra e Leiria teve o privilégio de participar num retiro que se realizou em Fátima entre os dias 23 e 26 de junho do corrente ano.

O retiro de doentes preparado cuidadosamente pela equipa do Movimento da Mensagem de Fátima, em parceria com o Santuário de Fátima e os Servitas de Nossa Senhora de Fátima, tem como objetivo proporcionar a quem sofre de patologias diversas uns dias de reflexão e oração.

O programa do retiro supracitado foi diversificado propondo preciosos momentos de ensinamentos sobre as Aparições aos Pastorinhos de Fátima. De entre os vários momentos destacamos o visionamento de um filme acerca dos acontecimentos ocorridos na Cova da Iria que vieram revolucionar a vivência da Fé Mariana; possibilidade de recorrer ao sacramento da reconciliação; exposição do Santíssimo; rezar a Via Sacra; recitação do Rosário na Capelinha das Aparições; participação na procissão das velas e Eucaristia diária. O grupo foi acolhido pela equipa do Movimento da Mensagem de Fátima e pelo Senhor Padre Daniel Mendes, assistente nacional que festejou o seu quarto aniversário de sacerdócio.

Quando questionados sobre a importância de Fátima, os participantes foram unânimes ao afirmar que Nossa Senhora é a



Retorno dos Retiros de Doentes mobiliza dioceses

nossa intercessora junto de Cristo. A Fé é, então, Amor, Partilha, Reconciliação e Reparação.

Aos olhos do mundo leigo, o sofrimento é um fardo pesado e inútil. Como nos foi explicado pelo padre Daniel Mendes, a doença e o conseqüente sofrimento, embora difíceis de suportar, devem ser caminho de santificação.

Todos os doentes são convidados a oferecer os seus sofrimentos pela conversão dos pecadores, pelo seu próprio aperfeiçoamento na Fé e, com a intercessão de Maria Santíssima, rumarem a Jesus. Nossa Senhora é a via que nos leva a Jesus.

Quanto a mim, este retiro funciona como um bálsamo para a alma sedenta de paz e harmo-

nia. Deus quer o seu povo feliz. Porém, a felicidade que a sociedade nos incute a procurar é uma felicidade centrada no hedonismo, no prazer imediato, num egoísmo que leva, obrigatoriamente, ao pecado. A felicidade em Cristo é uma caminhada constante na qual as doenças e os problemas não são resolvidos com uma varinha de condão.

Viver em Cristo pressupõe “tomar a nossa cruz e segui-Lo” ultrapassando as adversidades e, olhando para Jesus como máximo redentor. DEUS ama-nos. Apesar das nossas faltas e traições, Jesus Cristo é o nosso Salvador, Aquele que deu a vida por nós.

Como mãe de Cristo e nossa mãe, a Virgem Santíssima, acompanha-nos e encaminha-nos para Jesus. Somos filhos de Deus. Maria, como guia, fornece-nos os instrumentos que nos ensinam o trilho a seguir. Devemos unir-nos em oração, nomeadamente, na recitação do Rosário como nos foi pedido.

À pergunta: - “ Quereis oferecer-vos a Deus?” o cristão deve ser categórico e afirmativo, não diluindo a importância da consagração com respostas vagas e que não levam à santificação.

É com gratidão e com a alma cheia que os doentes regressam às suas casas com a missão de pôr em prática os ensinamentos que receberam, recitem o Rosário como Nossa Senhora pediu e, juntos, caminhar neste “vale de lágrimas” com Fé e Esperança.

Sejamos como as pombas brancas da paz que voam em liberdade, reconhecendo que ser livre não é fazer tudo aquilo que queremos e que nos favorece, mas sim fazer tudo para seguir Jesus com a intercessão da Mãe Celestial. Que com São Francisco e Santa Jacinta Marto, façamos dos sofrimentos da vida um sacrifício de amor reparador pelos outros.

A Irmã Isolinda, as crianças e a Mensagem de Fátima

Diácono Alfredo Bernardo Serra | presidente do Secretariado Diocesano do Movimento da Mensagem de Fátima na diocese de Portalegre-Castelo Branco

Todas as palavras serão sempre poucas para descrever a pessoa e o impacto da sua ação na vida de quantos tiveram o privilégio e a graça de privar com a Irmã Maria Isolinda Tavares de Almeida. Desde logo, a humildade e bondade de coração, a sabedoria que transmitia com alma e ânimo empolgante e, sobretudo, a alegria na fé com que a todos contagiava. Destaco ainda a disponibilidade que, apesar dos muitos afazeres, sempre tinha para mais um serviço apostólico. Assim aconteceu com o seu préstimo no Movimento da Mensagem de Fátima

na diocese de Portalegre-Castelo Branco: por longos anos, a Irmã Isolinda assumiu a dinamização da Adoração Eucarística com as Crianças. Neste campo pastoral, sempre que havia oportunidade, insistia com veemente delicadeza, fazia instrução doutrinal e, socorrendo-se da mensagem de Fátima, catequizava todos sobre o valor da visita ao Sacrário e o culto da Adoração Eucarística. E tudo isto fazia na prática, proporcionando às crianças e catequistas, mas sobretudo aos pequenos mensageiros, a experiência da fé na visita ao Sacrário e nos momentos vivos de

adoração eucarística.

Bem-haja, Irmã Isolinda, pelo muito que nos deu, pelo muito que ensinou, pelo tanto que da fé partilhou. Muito obrigado em nome de tantos adultos, jovens e crianças que ajudou no encontro com Deus, tantos levados pela mão na descoberta de Jesus Cristo e de sua Mãe, Maria Santíssima, da Mensagem de Fátima, das aparições do Anjo...

E porque assim foi humilde e alegre serva de Cristo na vida peregrina, com gratidão e admiração, já saudosa, nos confiamos à sua intercessão junto de Deus na pátria celeste.



ERRATA: Na edição passada, por lapso da paginação, o corpo deste artigo foi publicado com uma redação errada, pelo que o voltamos a publicar agora. Ao autor e aos nossos leitores pedimos desculpa.

ECOS DA 44ª PEREGRINAÇÃO NACIONAL DO MOVIMENTO DA MENSAGEM DE FÁTIMA

Secretariado Nacional do MMF

No dia 16 e 17 de julho decorreu no Santuário de Fátima a 44ª Peregrinação Nacional do Movimento Mensagem de Fátima (MMF), subordinado ao tema “Levanta-te! És testemunha do que viste!, na qual estiveram presentes grande parte das Dioceses, com um grande número de Mensageiros, dos pequeninos, aos mais velhos, passando pelos jovens, que ultrapassaram mais de um milhar.

A peregrinação iniciou com as boas-vindas dirigidas pelo assistente nacional padre Daniel Mendes, nas palavras dirigidas à assembleia manifestou alegria e satisfação pela presença de tão grande número de mensageiros que se dirigiram à casa da Mãe, afinal de contas esta é também a casa de cada um. Depois de uma breve apresentação, o assistente destacou que para além dos tempos desafiantes que vivemos relacionados com o pós pandemia, onde lentamente se começa a retomar as atividades, é necessário ter em conta alguns alertas na ação pastoral do MMF; tais como a diminuição drástica dos seus associados, devido essencialmente à idade; a dificuldade da renovação dos secretariados Diocesanos e Paroquiais e dos coletores do Jornal “Voz da Fátima” e também a dificuldade em agregar jovens à estrutura e às atividades do Movimento.

Nesta linha, o padre Daniel Mendes reforçou que o Movimento é chamado a responder à interpelação do Papa Francisco para a Igreja Universal que passa por sair da sua zona de conforto, para aí anunciar a boa nova do Evangelho, tornando-se assim numa Igreja em saída. Para isso é importante a adesão do Movimento ao espírito sinodal no qual todos os secretariados se envolvam de forma a criarem dinâmismos de renovação e vitalidade no MMF. O sacerdote apontou três grandes áreas de ação: organização, espiritualidade e evangelização que devem pautar a reflexão e a ação futura do Movimento.

Ao longo destes dois dias de oração, partilha e convívio, a família dos mensageiros foi desafiada pelo secretariado nacional a ser testemunha, como S. Paulo, e principalmente como Maria que se levantou e apressadamente se dirigiu a casa de sua prima, levando consigo a boa nova do rosto misericordioso de Deus que nela fez maravilhas

para a salvação de todos. Conforme nos recordou o assistente nacional padre Daniel Mendes, no discurso de abertura, no centro pastoral Paulo VI.

Ainda neste espaço, como forma de comemorarmos a efeméride dos cem anos da “Voz da Fátima” foi realizada uma tertúlia com a presença do reitor do Santuário padre Carlos Cabecinhas e dois coletores do Jornal; Manuel, do secretariado Leiria Fátima, e Olinda, do secretariado diocesano do Porto. Este momento foi dinamizado pelo presidente do movimento Filipe Ferreira, no qual foi destacada a importância que esta publicação teve nos últimos cem anos para a divulgação da mensagem de Fátima no país e no mundo. Foi também motivo de reflexão a importância que ainda hoje tem esta publicação, nomeadamente como forma de partilhar a vida do Santuário, da Igreja no geral e de modo particular a vida do Movimento.

Neste sentido realçou-se a figura dos coletores, pela proximidade à vida das pessoas e das comunidades, que ao levarem de casa em casa o jornal, levam também um pouco de presença e conforto. Por fim, foram indicados alguns desafios os quais passam pela renovação dentro da continuidade e fidelidade à identidade do jornal, conforme indicou o reitor. Ou seja, que a “Voz da Fátima” continue a ser a Voz do que acontece em Fátima, na Igreja e no Movimento. Para isso é necessário que os diversos secretariados Diocesanos e Paroquiais contribuam com notícias que tenham origem no âmbito das suas pastorais e reflitam cada vez mais a vitalidade das atividades desenvolvidas pelo MMF.

Outro grande desafio é a renovação dos próprios coletores, pois são eles que levam o Jornal aos leitores. Sem a “figura” dos coletores perdemos parte da identidade que caracteriza não só a “Voz da Fátima” como o próprio Movimento.

Após este momento tivemos oportunidade de olharmos para o testemunho de Maria, como mulher do “SIM”, completo e generoso a Deus e aos outros. Ficou-nos o desafio de respondermos com o mesmo SIM decidido de Maria.

Na capelinha das Aparições com a família dos Mensageiros reunida saudamos Nossa Se-



Assembleia de Mensageiros, no Centro Pastoral de Paulo VI, marcou o arranque da principal jornada nacional do MMF.

nhora, a seus pés rezamos pelo MMF, pelos seus mensageiros e seus familiares e deixámos as ofertas das orações feitas ao longo do último ano, confiando-lhe o nosso apostolado e as nossas intenções.

Seguiram-se as reuniões de grupos por pastorais, nas quais dialogamos sobre o momento presente e as atividades desenvolvidas em cada Diocese e Paróquia. Foi desejo do Secretariado Nacional ouvir cada um dos presentes pois é na partilha que se cresce. Constatamos, com grande alegria, que apesar das

dificuldades o Movimento encontra-se em movimento.

A este momento seguiram-se diversas propostas de oração, adoração e contemplação da Mensagem de Fátima à luz da Palavra de Deus, atividades que se prolongaram durante toda a noite numa vigília de oração, que culminou com a procissão eucarística no recinto de oração.

A nossa peregrinação finalizou com a eucaristia presidida pelo assistente geral do MMF D. José Ornelas de Carvalho que manifestou grande alegria pela presença dos mensageiros, confian-

do a todos à proteção de Nossa Senhora de Fátima e dos Santos Francisco e Jacinta Marto.

Fica o agradecimento por todo o empenho manifestado pelos diferentes secretariados diocesanos na preparação dos diversos momentos; desde o carinhoso acolhimento, aos desafios deixados pelas várias reflexões e partilhas, que numa noite de luar proporcionaram a todos os presentes momentos únicos de encontro. E que fantásticos desafios foram deixados! O fim de semana teve muito de “trabalho”, mas acabou por nos marcar como sempre faz quando optamos pelo sacrifício (ofício sagrado).

Agradecemos a presença de todos os mensageiros; a presença em oração e coração daqueles que por dificuldades várias, e na impossibilidade de estarem presencialmente, nos acompanharam em suas casas. Acima de tudo agradecemos a Nossa Senhora, sempre presente no coração de cada Mensageiro, pelo colo, pelo abraço, pela confiança renovada a cada encontro.

A Mensagem não se transmite sozinha, precisa da família mensageira para chegar ao mundo, precisa de ti. Nossa Senhora escolheu três pastorinhos para, “apressadamente” e cada um com o seu jeito, serem transmissores da Mensagem. Hoje, somos nós os Mensageiros e transmissores da Mensagem de Fátima, cada um de nós, ao nosso jeito, somos desafiados a viver e anunciar a Mensagem. O mundo mudou, sim, mas a mensagem permanece atual. Usar como desculpa que os tempos estão difíceis que nada é como era, é ser comodista. A Mensagem quando viva nos nossos corações tem urgência de ser transmitida. O pedido de Nossa Senhora feito aos pastorinhos foi audaz. O pedido que nos é feito hoje em pleno Sec XXI, é o mesmo que foi feito aos pastorinhos. Estaremos nós dispostos a ser aguerridos como eles foram?

Estaremos nós disponíveis para ensaiar novas formas de evangelização? É tempo de arregaçar mangas, de sujar as mãos e por pés ao caminho. Como nos pede o Papa Francisco é hora de sermos criativos enquanto movimento. Confiando na proteção e intercessão da Virgem de Fátima, confiemos-lhe o nosso apostolado.

“Ainda há muito para estudar e aprofundar a propósito de Fátima”

Cerca 130 formandos de várias áreas académicas participaram na 7.ª edição dos Cursos de Verão do Santuário de Fátima, num encontro onde se aprofundou a biografia e o contexto histórico de Santa Jacinta Marto.

Cátia Filipe

A 7.ª edição dos Cursos de Verão do Santuário de Fátima, ocorrida entre 6 e 8 de julho, procurou aprofundar a biografia e o contexto histórico de Santa Jacinta Marto.

Na sessão de abertura, o reitor do Santuário de Fátima, o padre Carlos Cabecinhas, lembrou que “a atenção aos protagonistas de Fátima é uma abordagem que acreditamos possa abrir fecundos e frutuosos horizontes de aproximação ao fenómeno Fátima”.

Nestes Cursos de Verão “o tema é sempre abordado de forma multidisciplinar e procura dar diversas perspetivas complementares para enriquecer o leque de conhecimento e abrir caminhos de investigação, porque temos consciência de que muito há ainda para estudar e aprofundar a propósito de Fátima”. “O facto de se tratar da 7.ª edição é significativo, pois demonstra o interesse quer dos investigadores quer dos formandos.

Marco Daniel Duarte, diretor do Departamento de Estudos do Santuário de Fátima, fez uma apresentação desta jornada formativa aos cerca de 130 participantes e explicou que, além de abordagens sobre a história nacional e local, também se procura analisar o contexto religioso e social dos inícios da centúria de Novecentos.

Estiveram presentes formandos da área da História, História da Arte, Pastoral, Teologia, Museologia, Conservação e Restauro, Arquivística, Biblioteconomia, Antropologia, Geografia, Jornalismo, Educação, Ciências Religiosas, Turismo, Tradução, Gestão, Administração, Medicina, Psicologia, Matemática, Enfermagem, Comunicação Social, Música, Artes Plásticas, Marketing, Direito, Linguística, Agronomia e a Engenharia Civil, entre outras.

O programa do primeiro dia começou com uma abordagem ao período histórico que medeia o nascimento e a morte da Vidente mais nova das Aparições de Fátima, com foco na questão religiosa ao tempo da Primeira República, numa apresentação que esteve a cargo de Paulo Fontes, do Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa. Antes do almoço, Nuno Severiano Teixeira, do Instituto Português de Relações Internacionais da Universidade Nova de Lisboa, apresentou uma



contextualização da participação de Portugal na Primeira Grande Guerra.

Da parte da tarde, o especialista em história regional, José Poças das Neves, caracterizou o concelho de Ourém ao tempo das Aparições, seguindo-se uma apresentação, por Porfirio Pinto, do Centro de Estudos Globais da Universidade Aberta, sobre a sensibilidade devocional da narrativa de Fátima, à luz do pensamento e espiritualidade na Idade Moderna e Contemporânea, em coautoria com José Eduardo Franco. O dia terminou com uma visita à Casa das Candeias, Núcleo Museológico da Fundação Francisco e Jacinta Marto.

O segundo dia de trabalhos principiou com uma reflexão sobre o lugar da criança na sociedade portuguesa, nas épocas Moderna e Contemporânea, por Maria de Fátima Reis, do Centro de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, seguindo-se uma apresentação a cargo de Sónia Vazão, do Departamento de Estudos do Santuário de Fátima, sobre as congregações religiosas inspiradas na Mensagem de Fátima.

A investigadora Agripina Vieira, da Techn&Art, do Instituto Politécnico de Tomar, traçou, ao início da tarde, um retrato de Jacinta Marto a partir das fontes de Fátima, apresentação que se estendeu até à proposta que finalizou a tarde: uma visita à casa de

São Francisco e de Santa Jacinta Marto.

O terceiro e último dia de formação começou com “Os retratos espirituais de Santa Jacinta Marto”, pelo padre Carlos Cabecinhas, Reitor do Santuário de Fátima, que começou por esclarecer que “os retratos espirituais de Francisco e Jacinta Marto são diferentes”.

“Quando pensamos em Santa Jacinta, não pensamos propriamente numa convertida, mas essa é uma dimensão fundamental da sua experiência espiritual”, disse, afirmando ainda que “Jacinta não nasceu santa”.

A partir das aparições, “as vidas dos pastorinhos transformaram-se, permitindo que seja Deus a viver neles, a atuar neles através do Seu Espírito”.

“Sem conversão não há caminho de fé, não há vida teológica, não há progressão no caminho da santidade”, acrescentou o sacerdote, lembrando que a mensagem de Fátima “encerra um veemente apelo à conversão, concretizado no pedido repetido para que os homens não ofendam mais a Deus, na tristeza de Nossa Senhora como expressão da não indiferença diante dos pecados cometidos, no apelo à oração e aos sacrifícios pelos pecadores, mas também no testemunho dos Santos Francisco e Jacinta Marto”.

Para Jacinta, “o amor a Jesus Cristo e a configuração com Ele

era inseparável do amor a Maria e ao Seu Imaculado Coração”.

“A canonização tratou-se do mais importante pronunciamento pontifício em Fátima e sobre a Santidade de dois protagonistas do acontecimento Fátima”, considera o padre Carlos Cabecinhas, lembrando que Jacinta e Francisco “mostram a toda a Igreja que a santidade não é incompatível com a infância”.

Marco Daniel Duarte, diretor do Departamento de Estudos do Santuário de Fátima, fez um percurso sobre os retratos de Jacinta Marto nas representações artísticas (fotografia e iconografia). Após o almoço, Sónia Vazão recordou “Os dias de Jacinta Marto em Lisboa” e Marco Daniel Duarte terminou o curso, de seguida, com o esboço de uma biografia de Santa Jacinta Marto.

Em declarações à Voz da Fátima, Marco Daniel Duarte expressou que este momento formativo superou as expectativas, nomeadamente em relação ao número de participantes, que vieram em maior número do que aquele que se estaria à espera, bem como a variedade de formações, experiências e áreas científicas, o que acaba por ser muito desafiante quer para quem dirige e coordena este trabalho quer para cada um dos formadores que têm de captar a atenção dos formandos com os seus diferentes pontos de partida, relativamente ao conhecimento que têm sobre Fátima. Também se verificou que cada vez mais as pessoas têm mais informação a respeito de Fátima, e isso é muito importante, acrescentou o historiador. Os formandos “não são iniciados na temática; já trazem bastantes conteúdos e isso deve-se também às formações que o Santuário de Fátima vai levando a cabo, e são muito importantes porque vão sedimentando conhecimentos”.

Entre os 130 participantes, estavam formandos oriundos de Espanha, da República Checa e do Brasil.

Os Cursos de Verão do Santuário de Fátima têm sido promovidos anualmente pelo Departamento de Estudos do Santuário de Fátima a pensar nos investigadores que pretendem estudar o fenómeno de Fátima. Na edição de 2021, o Curso centrou-se no tema “As faces visíveis e invisíveis” do fenómeno de Fátima.

Atas do Simpósio “Fátima, hoje: pensar a santidade” estão disponíveis

Encontro realizou-se em junho de 2021, no Santuário de Fátima.

No encerramento da 7.ª edição dos Cursos de Verão do Santuário de Fátima, a 8 de julho, foram apresentadas as Atas do Simpósio Teológico-Pastoral “Fátima, hoje: pensar a santidade”, ocorrido em junho de 2021, no Centro Pastoral de Paulo VI, em Fátima.

O volume inicia com uma apresentação de Marco Daniel Duarte, Presidente da Comissão Científica e Organizadora do Simpósio. Numa primeira parte, com a temática “Sede santos, porque eu, Iahweb, vosso Deus, sou Santo” (Lev 19, 2), os textos são da responsabilidade de Crispino Valenziano, Jerónimo Trigo, Teresa Messias e Amália Saraiva.

Na segunda parte, sob o tema “Não sabeis vós que sois o templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós?” (1Cor 3, 16), os textos são da autoria de José Ornelas Carvalho, Fabien Revol, João José Marques Eleutério e Joaquim Ganhão.

A terceira parte, com a temática “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida...” (Jo 14, 6), apresenta os textos das intervenções de Carmelo Pellegrino e Gonzalo Fernández Sanz.



Do sacrifício e da vontade incansável de fazer o bem

*No livro **Apelos da Mensagem de Fátima**, a Irmã Lúcia de Jesus apresenta o sacrifício como um dos apelos urgentes de Deus à humanidade. E, segundo ela, os sacrifícios podem ser de vária ordem – de bens espirituais, intelectuais, morais, físicos e materiais –, sendo que o que importa é aproveitar as ocasiões para oferecer algum sacrifício, principalmente quando se trata de uma exigência para o cumprimento dos nossos deveres para com Deus, com o próximo ou com nós mesmos.*

Carmo Rodeia

(Este texto foi redigido com base no artigo "Sacrifício", de José Carlos Silva Carvalho, em *Enciclopédia de Fátima*, Principia, 2007; "Fátima, Mensagem de Misericórdia e de esperança para o mundo", de Antônio Marto e <https://www.fatima.pt/pt/pages/narrativa-das-aparicoes>; <https://www.fatima.pt/pt/pages/palavras-chave>)

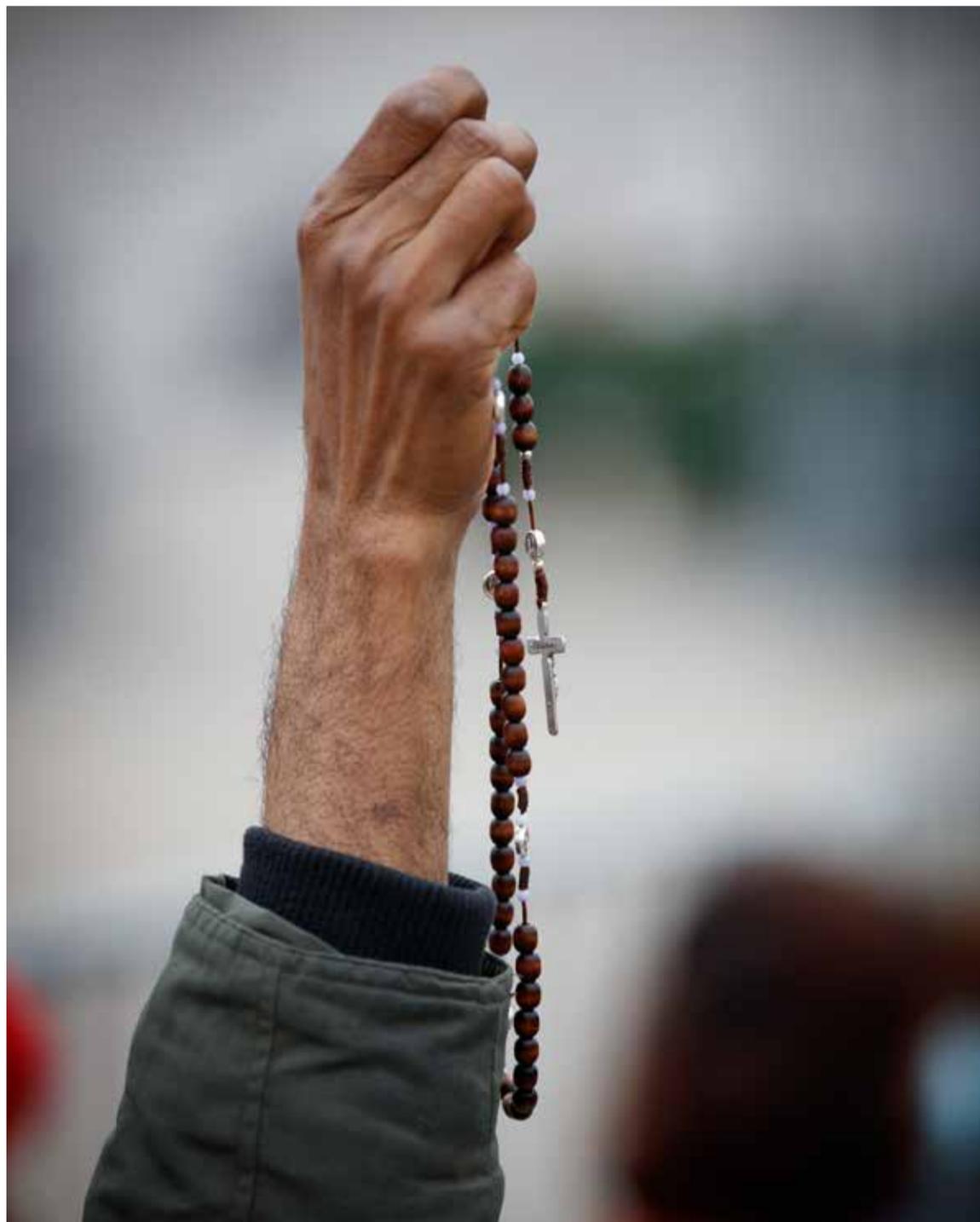
No relato da quarta Aparição, em agosto, a única que aconteceu fora da Cova da Iria, no Monte dos Valinhos, perto da casa dos Videntes, em Aljustrel, porque no dia 13, data das restantes cinco aparições, as crianças encontravam-se à guarda do Administrador de Ourém, por quem foram interrogadas exaustivamente, Nossa Senhora insistiu na ideia do sacrifício: "Rezai, rezai muito e fazei sacrifícios por os pecadores, que vão muitas almas para o inferno por não haver quem se sacrifique e peça por elas".

Por vezes, associamos a ideia do sacrifício a um ato penitencial extremo que implica uma inibição de um prazer, mas o que Lúcia nos diz, em chave de leitura com o que foi a mensagem deixada por Nossa Senhora, é que o sacrifício, no contexto da mensagem de Fátima, é a expressão de amor a Deus e ao próximo, ao jeito do Evangelho, onde a expressão extrema do amor de Deus se traduz no sacrifício de Cristo.

Como reconhece a Irmã Lúcia, "no decorrer de toda a Mensagem, a começar pelas aparições do Anjo, encontramos um apelo à oração e ao sacrifício oferecido a Deus por amor e pela conversão dos pecadores".

A exortação à oração do terço pela Senhora do Rosário visa a remissão dos pecados diante de um Deus que é muito sacrificado pelos pecados dos homens. A oração do terço torna-se, desse modo, um sacrifício pelo mundo, em favor dos pecadores, como se lê no relato das Memórias.

Rezar pelos pecadores, continua o convite de Nossa Senhora na quarta aparição, significa também dar-lhes uma capela, sacrificando parte dos recursos oferecidos por tantos e tantas que faziam ofertas. Ao convidar à construção da capela, Nossa Senhora quase que sinalizava o começo de um movimento periódico, também ele sacrificial, para um lugar próprio, iniciado



a seu pedido pelos Pastorinhos a cada dia 13, e hoje materializado na peregrinação.

Por outro lado, há nestes gestos humanos do sacrifício o desejo de salvação e, neste sentido, são uma forma de louvar ao Senhor, concretizando assim também uma ideia subjacente

ao sacrifício.

Finalmente, o Sacrifício repara, porque ajuda a desentristecer o Senhor, tantas vezes ofendido pelos pecados do homem. Sacrificamo-nos humanamente pelos outros quase em ato de reparação pela nossa própria indigência.

Por isso, o sacrifício tem uma

componente de solidariedade e pode ser entendido como um gesto de amor. Como afirmava Paulo VI, a arte de amar (e de amar verdadeiramente) transforma-se muitas vezes na arte de sofrer ao ponto do sacrifício pelo outro.

O amor é, então, a razão úni-

ca do sacrifício. A mensagem de Fátima reconhece, com todo o realismo, que o sacrifício é uma exigência do amor, à qual o amante não se pode furtar.

Se, por um lado, o sacrifício é, na verdade, o processo de aceitação de tudo quanto constrói a vida – e, por isso, o Anjo pedia aos Pastorinhos que aceitassem sobretudo o sofrimento que o Senhor enviasse –, por outro, é também participação no mistério redentor de Cristo, na sua missão de reunir a todos no redil do Pai, não abandonando o outro na solidão da sua culpa. E, por isso, Maria desafia os Pastorinhos a que se sacrifiquem pela conversão dos pecadores. Por isso, o sacrifício em Fátima tem esta dimensão reparadora e salvífica.

"A mensagem de Maria é um apelo para a abertura a outra dimensão da história, alimentada por outra Presença, sustentada por outra Força, conduzida por outra Luz, orientada para outra Meta, já agora misteriosa e silenciosamente presentes e operantes" afirmou D. António Marto na sua oração de sapiência, na Universidade Católica Portuguesa, intitulada "Fátima: mensagem de misericórdia e de esperança para o mundo" editada depois em livro, com o mesmo título.

"Só quem tem o sentido forte da dignidade do homem perante Deus, do seu destino eterno, pode compreender quão grande é a tragédia do pecado e como a perda do sentido do pecado é, no mais profundo, a perda do sentido de tudo aquilo que é verdadeiramente humano", vinco o cardeal.

Ao mesmo tempo que "é uma advertência muito séria", a mensagem de Fátima centra-se na "consolação da esperança", na convicção de que "o mal é vencido pelo amor trinitário revelado na cruz e na ressurreição de Jesus, pelo amor de Maria" e pela necessária "conversão" pessoal, conclui o cardeal.

Mancha florestal dos Valinhos está certificada

Área de 60 hectares contém uma biodiversidade muito grande e é um local seguro.

Cátia Filipe



Os 60 hectares de floresta dos Valinhos estão certificados. A certificação da gestão florestal, é um selo de garantia, conferido por uma entidade independente, reconhecendo a gestão responsável das florestas, de acordo com alguns critérios ambientais, sociais e económicos.

O lugar dos Valinhos agrega o trajeto de cerca de 2 km que Lúcia, Francisco e Jacinta percorriam desde as suas casas em Aljustrel até à Cova da Iria para o pastoreio dos seus rebanhos. Aqui tiveram lugar duas aparições do Anjo (na primavera e no outono de 1916) e uma aparição de Nossa Senhora no dia 19 de agosto de 1917.

As primeiras intervenções na área dos Valinhos aconteceram na década de 50, por iniciativa dos católicos da Hungria. “Foi uma intervenção em que não podemos deixar de ver o dedo da Providência”, expôs Mons. Luciano Guerra, antigo reitor do Santuário de Fátima, por ocasião do Congresso Internacional sobre a Santíssima Trindade, realizado em maio de 2007, em Fátima. “Marcou-se, por um lado, a importância destes espaços e deixou-se, por outro, que eles

pudessem manter a sua atmosfera própria, constituindo convite ao retiro, ao recolhimento, ao silêncio e até ao escondimento a que a mensagem e o uso que dele fizeram os Videntes certamente nos convidam”, observava o sacerdote.

Em meditação, em oração ou em passeio, de forma individual ou em grupo, a passagem por aquele lugar integra muitos programas de visitas e peregrinações. Para garantir a segurança dos peregrinos, bem como a preservação deste lugar, o Santuário de Fátima tem no Departamento de Construções e Manutenção, uma equipa constituída de forma permanente por cinco elementos. O corte da vegetação combustível, bem como a limpeza dos terrenos são tarefa primordial, sobretudo nos tempos que antecedem o verão. Neste local registaram-se alguns incêndios, que rapidamente foram extintos devido à existência de pouca massa combustível.

Aos peregrinos é pedido que respeitem os caminhos e não façam lume em nenhuma circunstância. Os Valinhos apresentam uma biodiversidade muito gran-

de, sendo possível encontrar perdizes, coelhos, javalis, esquilos, entre outras espécies.

As azinheiras, sobreiros e oliveiras imperam neste lugar.

A certificação florestal é adotada voluntariamente por proprietários e produtores florestais em todo o mundo. É um reconhecimento formal e independente da gestão ativa das florestas, de acordo com alguns critérios ambientais, sociais e económicos.

Este processo é essencial para garantir a produtividade e proteção da floresta, uma vez que a gestão florestal sustentável implica respeito pelos valores ambientais, sociais e económicos. Tendo por base os três pilares da sustentabilidade, ambiental, social e económico, a certificação florestal é uma forma de reconhecer o esforço dos proprietários pelas suas boas práticas na gestão florestal.

Além de verificar que a gestão é ambientalmente adequada, economicamente viável e socialmente justa, a certificação garante também a existência de um plano de gestão florestal enquadrado e adaptado à zona onde será aplicado e que cumpre a legislação.

Cardeal D. António Marto condecorado pelo presidente da República

Iniciativa de Belém estendeu-se igualmente ao arcebispo emérito de Braga, D. Jorge Ortiga.



O presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, condecorou no Palácio de Belém o cardeal D. António Marto, antigo bispo da diocese de Leiria-Fátima, e D. Jorge Ortiga, arcebispo emérito da arquidiocese de Braga, com a Grã-Cruz da Ordem do Infante D. Henrique.

D. António Marto, que foi feito cardeal em junho de 2018 pelo Papa Francisco, sublinhou, aquando da condecoração, que a distinção que recebeu não é individual, mas do próprio Santuário de Fátima e de todos os seus responsáveis, colaboradores e, também, dos peregrinos.

D. António Marto presidiu, como representante do Papa, à peregrinação internacional de Jovens a Compostela, de 6 a 8 de agosto.

AGENDA

agosto

19 sex	CELEBRAÇÃO DO ANIVERSÁRIO DA APARIÇÃO DE NOSSA SENHORA NOS VALINHOS
22 seg	VIRGEM SANTA MARIA, RAINHA – FESTA
23 ter	PROJETO SETE Imersão de voluntariado jovem no Santuário de Fátima
25 qui	VEM PARA O MEIO Férias para pais de pessoas portadoras de deficiência

setembro

2 sex	PEREGRINAÇÃO DE IDOSOS
3 sáb	PRIMEIRO SÁBADO
4 dom	ENCONTROS NA BASÍLICA IV
7 qua	VISITA TEMÁTICA À EXPOSIÇÃO TEMPORÁRIA “OS ROSTOS DE FÁTIMA”
11 dom	PEREGRINAÇÃO DA COMUNIDADE SURDA